

«Lanzmann's technique, both in the investigation itself and in the subsequent editing, is rather like an archaeologist's: a gentle brushing away of the soil so that the artifact will be revealed exactly where and how it was first buried. The method mimics the purpose: that of absolute truth-finding.»

JULIAN BARNES, *NYRB*, 19 de Novembro de 2015.

AINDA SOB O EFEITO DA DESCOBERTA da reportagem d'O *Crime*, tirei uma manhã para visitar a praia da Quinta da Lomba, aonde o meu tio, de acordo com o que me dissera, costumava ir com João Jorge numa bicicleta amarela. Não visitava aquele lugar há anos. Ali, em certos domingos de Verão, algumas pessoas do bairro, entre elas a minha família materna, passavam o dia. As mulheres sentavam-se à sombra dos pinheiros, a fazer renda, os homens apanhavam lamejinha, as crianças jogavam à bola. Caminhando entre os pinheiros em direcção à estreita faixa de areia, lembrei-me de, numa dessas tardes inalcançáveis, ter perdido ali uma bola azul. Em outra ocasião, outra bola foi para a água. Vimo-la a ser arrastada pela corrente, apesar de o meu avô, que era um excelente nadador, ainda ter tentado apanhá-la. Ao fim de umas valentes braçadas, desistiu.

O local estava ao abandono e, ao contrário do que acontecia há trinta anos, as famílias já não faziam piqueniques aos fins-de-semana. Todo o espaço se deteriorara, havia carcaças de pequenas embarcações, lixo espalhado pelo mato que invadira o areal, máquinas de lavar, sofás decrepitos já sem forro exibindo as gordas barrigas de espuma amarela, até o atrelado de um camião.

A zona de sapais que se estende do Barreiro até Coina é propícia à observação de aves aquáticas. Aos domingos de manhã, de preferência quando a maré está baixa, vêem-se ornitólogos amadores de galochas, coletes de fotógrafo, binóculos ou câmaras de objectivas telescópicas, nos seus modos entre o científico e o patusco, focados na tarambola-cinzenta ou no maçarico-de-bico-direito, num exercício que tem mais da obsessão do coleccionista do que do amante da vida ao ar livre. Mais à frente, do lado do Seixal, apanhadores de bivalves — trabalhadores da construção civil, biscateiros, reformados e imigrantes de Leste — revolviam o lodo à procura de amealhar uns trocos. Semanas antes, três homens tinham morrido ali. Surpreendidos pela súbita subida da maré, desorientaram-se com o nevoeiro cerrado e não deram com o caminho de regresso a terra. O corpo de um deles apareceu perto do Alfeite. Outro deu à costa numa praia da linha de Cascais, a várias milhas de distância. O corpo do terceiro homem nunca apareceu.

Naquela manhã, a neblina era muito ténue. A mistura de desleixo, actividades solitárias e observação era em si tão harmoniosa que acreditei que poderia encontrar respostas às minhas perguntas. Há quatrocentos anos, perto daquele lugar, as barcaças partiam do cais carregadas de biscoitos produzidos nos fornos do Vale do Zebro para abastecimento das caravelas. Era o pólo frenético de uma indústria subsidiária da expansão. Por estas margens passavam negociantes, negreiros, carregadores, marítimos. Gente vinda de longe e pronta a zarpar para lugares ainda mais distantes e formidáveis. Os séculos passaram, os velhos fornos agora estão integrados num núcleo museológico de arqueologia industrial, já não há negociantes, nem negreiros, nem barcaças cheias de mantimentos. O lugar nem

sequer se parece com o que era há trinta anos, um centro improvisado de lazer, quando se registavam aqueles grandes movimentos familiares para os dias de convívio. Agora servia apenas para as inquições silenciosas de amantes da natureza à espera das aves em falta nas três horas seguintes à maré baixa, para os movimentos repetitivos dos homens a escavar o lodo com pequenas pás de plástico e para as minhas tentativas de refazer, em breves minutos, os passos apagados de João Jorge. Cada um à sua maneira, éramos todos pesquisadores.

Mais do que factos, que tantas vezes obscurecem a realidade, convinham-me as pesquisas tranquilas e prolongadas dos arqueólogos. Dialogar com um tempo antigo partindo do pedaço de um vaso, de um forno, do tijolo de uma necrópole. No tempo do arqueólogo não há urgência. Mesmo o que aconteceu ontem, é como se tivesse acontecido há séculos. É esse o peso esmagador do passado: o gesto de há cinco minutos é tão irreversível como o de há cinco séculos. Em vez da pressa, a delicadeza extrema com cada objecto resgatado ao esquecimento, o cuidado do pincel a retirar o pó, imaginar o conjunto a que pertencia aquela lasca como alguém a refazer um soneto inteiro a partir de uma única estrofe. À noite, de novo o silêncio, a vida impregnada da época em que se esteve mergulhado, a paciência redescoberta não como arma contra o mundo contemporâneo, mas como essência, algo tão íntimo que, por pudor, não serve de argumento em nenhuma discussão.

Passando pelos lugares onde João Jorge teria caminhado trinta anos antes, pensei no que teriam para me dizer soubesse eu interpelá-los. Entrei no carro e voltei às proximidades do cemitério da Vila Chã. Vi as hortas, as vedações com estacas de madeira velha, redes de plástico, garrafões virados ao contrário espetados em canas, bidões de gasolina ferrugentos, silvas indomáveis. Havendo algum segredo por desvendar era ali

que se escondia e não na memória enganadora das pessoas, com as suas artimanhas, recordações de contrabando, esquecimentos convenientes, equívocos propositados.

O lugar onde João Jorge foi assassinado estava muito diferente da azinhaga bravia, pontuada de hortas e barracas precárias, de antigamente. A igreja evangélica tinha sido demolida e funcionava numa vivenda no outro extremo do bairro. Recentemente, foi inaugurado um Centro de Dia. Quem por ali passa nos dias de calor, vê lá dentro os utentes sentados à volta das mesas, no alheamento da velhice, especados a olhar para a televisão, e imagina a atmosfera moderadamente fria do ar condicionado, que os protege da temperatura natural que, aos poucos, vai calcinando o mundo lá fora. Um pouco mais acima, algumas hortas resistiam. Ao fim do dia, depois de saírem do trabalho, os homens regam, cuidam do feijão-verde e das cebolas, fumam tabaco de enrolar à sombra das barraquitas onde guardam enxadas, ancinhos, regadores, catanas. Mesmo durante o dia vêm-se por ali mulheres mais velhas. Não suportam a vida de clausura nos apartamentos e refugiam-se naquelas ilhas de bucolismo, restos de um tempo agrícola, resquícios da juventude. Ao longo dos anos, a Câmara emitiu avisos regulares e pouco convictos que tudo aquilo será arrasado, nem que seja para ficar com aspecto idêntico ao das ruas asfaltadas e desertas da urbanização inacabada onde caravanas de ciganos vindas de Espanha e França acampavam durante semanas, puxando electricidade dos postes. Também aqui, e não só no Oeste, se vê a paisagem onde se cruzam os efeitos dos atrasos burocráticos e o crescimento indomável de ervas daninhas e arbustos. Há quem vá para ali correr, aprender a conduzir, namorar. Uma vez, um homem levou o carro até àquele promontório de onde se vê todo o bairro, pegou-lhe fogo

e trancou-se lá dentro. Alguém, talvez um familiar, depôs uma coroa de flores em homenagem. No chão, ainda eram visíveis vidros partidos, bocados de borracha e os contornos do veículo desenhados a cinza.

Um dia, nada disto existirá, pensei. Daqui a alguns anos, não haverá coroa de flores nem a marca sombria de um carro carbonizado, não haverá vidros partidos nem a memória atormentada de um suicida. Se a urbanização finalmente avançar, pensei, talvez construam um parque de estacionamento ou talvez as crianças venham para aqui andar de bicicleta ou jogar à bola. Se tiverem azar e uma delas chutar a bola com demasiada força, terão de a ir buscar lá a baixo. Então, por um estranho capricho, o caminho desenhado pela bola será o caminho inverso ao do cadáver de João Jorge, arrastado por vários homens, o sangue a escorrer-lhe pela garganta aberta, a ensopar a areia de uma tinta rubra. A bola irá parar no exacto local onde largaram o corpo inerte de João Jorge. Nenhuma das crianças o poderá saber porque daqui a muitos anos, pensei, nos locais onde irão brincar, todos os vestígios de morte terão desaparecido, todas as memórias infelizes terão sido apagadas e os urbanistas terão instaurado um regime de felicidade despótica com as suas árvores sempre mais verdes nos seus planos virtuais do que na realidade onde florescem.

Lembrei-me de quando eu, o Orlando, o Aurélio, o BMX e o Iuri caminhávamos até esses lugares suficientemente longe dos prédios para que as incursões nesse território tivessem uma aura de aventura e possibilidades incomuns. Às vezes íamos às oficinas — barracas improvisadas — pedir a medo que nos enchessem as bolas de futebol. Os mecânicos tinham sempre caras severas. Temíamos que não só se recusassem a encher as bolas como também nos perseguissem, subitamente

enraivecidos por qualquer razão desconhecida. Vagueávamos à procura de qualquer coisa incerta e contentávamo-nos com as canas, as pedras, os ninhos de vespas, as amoras mornas e cobertas de pó que comíamos com alegria. Uma vez, o Aurélio provou umas bagas e alucinou durante horas. Enquanto nos ríamos, primeiro de gozo e depois de preocupação, ele atirava-se para o chão para apanhar objectos invisíveis e saltava de braços esticados para agarrar os pássaros gigantes que dizia voarem mesmo por cima dele.

Ali perto havia um buraco de esgoto sem tampa. A dois ou três metros de profundidade, descobrimos certa vez o cadáver de um cão. Parecia empalhado. De início, viam-se moscas à volta da carcaça. Com o tempo, aquela forma foi perdendo volume, depois ficou sem pêlo e, por fim, meses ou anos depois, era apenas um esqueleto. Lembro-me de ficar impressionado com os dentes do cão. Era como se a morte e o tempo os tivessem deixado intactos. Continuavam afiados, ameaçadores, vivos, como se, tendo desaparecido o resto, fossem a única coisa que ainda era cão, que ainda rosnava aos homens. Talvez para eliminar aquele sorriso malévolo, atirámos pedras sobre o cadáver. Os anos passaram. Crescemos. Deixámos de andar juntos e nunca mais voltámos para aqueles lados, esquecidos do cão no fundo de um buraco de esgoto. Não era isso que a jornalista escrevera, que João Jorge acabara os seus dias abandonado, como um cão, num velho curral de porcos?¹

¹ «To be buried like a dog» — that is, to be buried as Diogenes the Dog Philosopher wanted to be buried is a gesture of rebellion against all that was decent, customary, and human — was the abyss.» Thomas W. Laqueur, *The Work of the Dead: a cultural history of mortal remains*, Princeton University Press, 2015.